

TECNOLOGIA

Mais uma proibição de telemóveis na escola. Mas são nocivos ou podem ser úteis?



ID: 6709877

Um pouco por todo o mundo os telemóveis estão a ser barrados à entrada das salas de aula. Em Portugal caminha-se na direcção oposta: o ensino com recurso a novas tecnologias está a crescer

TEXTO TIAGO SOARES

A província de Madrid oficializou nos últimos dias do ano que acaba de terminar a proibição de telemóveis nas salas de aula. A regra, que entrará em vigor no próximo ano letivo e afetará 800 mil alunos, exclui “fins didáticos” expressamente autorizados pelo professor — a mesma ressalva que o Estatuto do Aluno e Ética Escolar português já faz.

Antes de Madrid tinha sido a vez de Ontário, no Canadá, onde a proibição começou em novembro. Segundo um inquérito estadual, 97% dos pais e professores da região acreditavam que o acesso aos telemóveis devia ser restringido de alguma forma. Agora, os alunos só podem usar o telemóvel para propósitos educacionais.

Em França foi aprovada em 2018 uma lei proibindo os alunos com menos de 15 anos de andarem com o telemóvel nas escola, mesmo durante os intervalos.

No estado norte-americano do Michigan, a proibição total - até durante as horas de almoço - levou a que os alunos conversassem mais entre si e foi considerada um sucesso. Também uma escola do estado do Colorado baniu os aparelhos, há sete anos, e os alunos parecem “mais felizes, menos stressados, e mais focados.”

Também no Canadá, no distrito escolar de Toronto chegou a haver uma proibição total, mas a medida foi revertida após quatro anos, para que “os professores pudessem decidir o que funciona melhor nas suas turmas.” No País de Gales, por exemplo, concluiu-se que a proibição total estava a causar “fricção” na comunidade escolar, e as regras foram alteradas, para que os telemóveis passassem a integrar as aulas.

Em Portugal já existem também algumas escolas que proíbem - ou limitam - o uso dos telemóveis.

Em todos os casos, a intenção é reduzir as distrações durante as aulas, minimizar os “copianços” nos testes e prevenir o cyberbullying dentro da escola. Um estudo da London School of Economics publicado em 2015, que acompanhou 130 mil alunos ingleses em escolas onde os telemóveis eram proibidos, concluiu que as notas em exame nacional melhoraram seis por cento no geral, e 14 por cento nos alunos com maiores dificuldades. Um outro estudo, publicado em 2018 na revista “Educational Psychology”, concluiu que “o telemóvel divide a atenção e as distrações reduzem a retenção de informação a longo prazo.”

“É MAIS ÚTIL ENSINAR A USÁ-LOS DO QUE PROIBI-LOS”

“Proibir é fácil, integrar é mais difícil. Cada vez mais professores se apercebem que os smartphones podem ser um recurso em sala de aula”, garante ao Expresso Adelina Moura, investigadora de tecnologia Educativa e mobile learning da Universidade do Minho, e professora de Língua Portuguesa no ensino secundário. Ana Rodrigues, investigadora de Políticas de Educação e Formação da Universidade de Lisboa, concorda: “É mais útil a escola ensinar a usar os telemóveis do que proibi-los. Um smartphone pode ser uma importante ferramenta pedagógica, desde que seja bem utilizado e, claro, com regras.” Não pode ser usado quando o aluno quer, mas quando o professor assim o decide, “para uma pesquisa específica”. Além disso, avisa que a proibição pode ter o efeito contrário: “Já vi isto acontecer muitas vezes: os alunos levam dois telemóveis, um para colocar na caixinha, outro dentro da mochila.”

Este processo de literacia digital deve ser gradual, e estar a par das idades e anos escolares dos alunos - um smartphone pode começar a tornar-se um recurso a partir do 7º ano, por exemplo. E Ana Rodrigues garante que há um consenso científico em todos os

estudos feitos a partir de casos práticos: os alunos participam com mais entusiasmo quando trabalham com os seus smartphones na sala de aula.

Mas como fazê-lo na prática? “Nada no ensino é fácil. Felizmente há muitos professores hoje a frequentar formações onde se mostra que os smartphones são um recurso para a sala de aula, e não um problema.” Todos os especialistas com quem o Expresso falou concordam: em Portugal a legislação já fez esse caminho, e a tecnologia no ensino está bem representada na estratégia da Direcção Geral de Educação e do Ministério da Educação, com várias orientações para o desenvolvimento de aptidões digitais, além de projetos como a Internet Segura ou a parte portuguesa da rede europeia EU Kids Online.

Filomena Viegas, Presidente da Associação de Professores de Português, dá outro exemplo: o projeto Milage, da Universidade do Algarve, que através de uma aplicação (app) tem conseguido bons resultados práticos no ensino da matemática. Esta iniciativa prova que pais e professores não podem “criar uma escola paralela à vida”. “E se os smartphones fazem parte da vida de todos nós, não faz sentido não os integrar no ensino, não devemos diabolizar as ferramentas que temos.”

No início do ano letivo, Adelina faz o regulamento da sala de aula em conjunto com os seus alunos. “No caso dos telemóveis, temos quatro medidas corretivas: advertência verbal, perda de pontos [na nota], confisco do smartphone, processo disciplinar.” Ainda não teve de confiscar nenhum aparelho. Ana Rodrigues completa: “São uma enciclopédia no bolso de cada aluno, algo impensável há uns anos. Cabe à escola ensinar os alunos a utilizar essa informação imensa. É pior se aprenderem isso noutra sítio.”